

Artigo de Atualização

Do corpo trabalhado ao corpo do trabalho: considerações sobre o corpo do trabalhador braçal

Daniel Zancha

Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas SP

Resumo: O objetivo deste artigo é contribuir para a reflexão das possibilidades de estudos na Educação Física sobre a construção do corpo do trabalhador braçal. Corpo configurado pela aspereza da necessidade. Discutirei um pouco sobre as práticas de intervenção que atuam hoje nos corpos que querem se fazer objetos de intervenção, como nas academias ou nos centros esportivos e estabecerei um paralelo com o corpo do trabalhador braçal que se faz na própria atuação do labor. Utilizarei como princípio de análise o prisma das Ciências Humanas, que, na minha opinião, é uma área que pouco tem discorrido sobre este assunto dentro da Motricidade Humana.

Palavras-chave: Corpo, trabalho braçal.

The worked body and the body of work: considerations on the manual worker's body

Abstract: The goal of this article is contribute to the body of physical education literature by looking at the manual worker's body, a body configured by roughness and need. I will briefly discuss intervention practices, such as academies and sporting centers, commonly used to shape bodies. Additionally, I will establish a parallel between these bodies and the manual worker's body, the result of the performance of labor. As an analysis, I'll begin by looking through the prism of the human sciences, which, in my opinion, is an area that hasn't been explored relative to the field of physical education.

Key Words: *Body, manual work.*

Corpos

A construção metódica e racionalizada dos corpos por meio de exercícios programados, alimentação, introjeção de substâncias sintéticas e cirurgias, hoje é amplamente difundida. Corpos que tentam obter aparência forte e rejuvenescida, estimulados pela busca mercadológica de uma suposta estética "perfeita". Corpos assépticos, enclausurados na "ditadura da pele lisa".

Segundo Fraga (2001), o corpo é resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares.

O surgimento da microbiologia, da robótica e da genética tornaram mais plausíveis as promessas de um corpo fisiologicamente perfeito feitas pela higiene e a eugenia no início do século XX (FRAGA, 2001, p.62).

Santos (1999) aponta para o fato deste tipo de eugenismo sutil vir assumir novas possibilidades de exclusão social, o que tem se chamado de uma nova eugenia. E por meio de

disciplinas que possibilitem as transformações dos formatos dos corpos, vai, além de moldar a "couraça" externa, colonizando graças ao avanço técnico-científico, o espaço interno do corpo.

Corpo, uma fronteira a ser desbravada, é um campo para investimentos dos mais diferentes projetos. [...] Muitas são as formas de vê-lo/constitui-lo e, cada vez mais acentuadamente, comprá-lo. O corpo passa de dado (pela "natureza") para "massa moldável" aos mais diferentes projetos de constituição, "vendidos" pelas representações de corpo que circulam nos mais diferentes discursos que se apresentam para a constituição de nossas identidades (SANTOS, 1999, p.201-202).

Seja nos esportes de alto nível, em que o corpo é exigido em seu rendimento máximo, ou no cotidiano do cidadão comum, o corpo pode ser projetado.

Sant'anna (2001), quando analisa as mais variadas práticas de intervenção na construção do "corpo híbrido", constatou verdadeiro fascínio pela circulação e valorização da imagem do corpo, ao mesmo tempo que ocorre a banalização pela

mídia da "top modelização" corporal. Ao que Sant'anna deixa a seguinte indagação provocativa:

Até que ponto os adeptos das transformações corporais e das simbioses entre o humano e o não humano conseguem rir, sem ironia, de seus novos limites tecnocorporais e evitar a invasão do totalitarismo fotogênico hoje globalizado (SANT'ANNA, 2001, p.23)?

A "indústria do corpo" sabe muito bem explorar a ânsia pós-moderna pelo corpo perfeito, gravando na carne e na alma seus pressupostos de produção e consumo. Como se um corpo entesado fosse reflexo do caráter, tentando, em algumas partes flácidas, a transformação do todo em material marmóreo.

São corpos diferentes do corpo do trabalhador braçal (pertencente à categoria dos trabalhadores manuais), construído através das exigências do trabalho, sem preocupações com a simetria corporal e na maioria das vezes sem o mesmo senso estético vigente. A conformação do seu corpo não foi planejada, foi imposta pelo trabalho. Seu corpo não busca seduzir, mas sim produzir.

Analisando a educação dos corpos, Soares (1998) tece um comentário sobre o romance de Emile Zola, *Germinal*, cujas personagens centrais são os trabalhadores braçais das minas de carvão.

O corpo adestrava-se no próprio trabalho para suportar o trabalho. As mãos que sangraram em um primeiro contato com o corte da hulha, em um segundo contato já se mostravam adestradas e recobertas por uma camada de dor que as tornavam ágeis e que um dia as tornariam insensíveis até a própria dor (SOARES, 1998, p.113).

De músculos talhados durante os movimentos no trabalho, a rigidez corpórea do trabalhador braçal às vezes pode se assemelhar a de um freqüentador de academia, pois assim como este último, seu corpo também foi moldado na repetição contínua de sua atividade. No entanto, sua musculatura hipertrofiada não busca ser uma capa de músculos decorativa. Os exercícios não são executados para apagar as marcas do tempo, ao contrário, reforçam nos contornos e vincos da pele sua historicidade. Dessa maneira, por mais parecidos que estes corpos possam vir a ser na constituição orgânica, eles serão diferentes em significação no contexto cultural.

É nesta distinção de corpos culturalmente produzidos que notamos a ocorrência de uma verdadeira ruptura no tecido conceitual envolvendo o corpo.

Corpo e trabalho

Dentre todas as atividades humanas existentes, talvez nenhuma sintetize a construção do homem e do seu cosmos tão bem como o trabalho. Essa atividade que constrói, destrói

e transforma o mundo em todo o decorrer da história, é de suma importância para a manutenção da vida, apresentando-se relacionada a um universo peculiar composto de sonhos, lutas, alegrias, decepções, fatura, miséria, preconceito e aceitação social.

Os valores socialmente atribuídos a cada categoria de trabalho são os mais diversos, diferenciando-se conforme as culturas e com o decorrer dos tempos, mudando sua importância e status. Nos dias atuais, principalmente neste século, uma categoria em especial vem se extinguindo: a dos **trabalhadores braçais**. Aqueles que trabalham diretamente sobre a natureza utilizando basicamente sua energia e força orgânicas, mesmo quando há o uso de maquinários. Corpos moldados através dos usos e configurações dos instrumentos de trabalho.

Mauss (1974) considera os gestos e os movimentos corporais como técnicas próprias da cultura, e portanto, possíveis de transmissão com seus significados específicos através das gerações. Neste caso, o autor utiliza o termo técnica não no sentido habitualmente empregado na Educação Física, de um conjunto de movimentos que, se executados dentro de uma "perfeição biomecânica", serão mais eficientes. Ele fala da técnica como um ato cultural.

Para Daolio (1995), cada gesto que fazemos, a forma como sentamos, a maneira como caminhamos, tudo é específico de uma determinada cultura.

Ao pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal, já que homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que o corpo é de maneiras variadas (DAOLIO, 1995, p.25-26).

O tempo movimenta-se constantemente em espiral, acontecimentos sociais modificam estruturas sociais e de pensamento. A evolução contínua na sociedade leva muitos indivíduos à necessidade de readaptação, porém, nem todos mudam com os acontecimentos no âmbito social. Em toda a história da humanidade poderemos facilmente captar categorias de pessoas que continuam estanques no tempo, tão parecidas com os seus antepassados como se esses não tivessem morrido.

Resquílios de várias épocas se entrelaçam modificando-se e formando o presente. Mas ainda assim existem aqueles que não acompanham as transformações. Podendo ser considerados fósseis vivos, os trabalhadores braçais trazem em seus símbolos cotidianos as marcas de um passado de

poucas mudanças. O ofício que muitos aprenderam, em várias situações, lhes foi passado por seus pais a encargo da necessidade ou da tradição familiar, às vezes pelos dois.

Estes trabalhadores, dotados de caráter onírico e humano, carregam em si a estranha antítese da brutalidade e da leveza. Durante o labor, pele, tendões e músculos constituem a couraça de um corpo que teima em não se entregar, e não se entrega.

Alguns escrevem suas histórias em sílabas de concreto, outros são pura erupção de força motriz. Mãos mágicas realizando uma alquimia que só eles conhecem. Alquimistas pouco valorizados na sociedade da informação e do conhecimento científico.

A memória no corpo

Realizando uma retrospectiva histórica, poderemos notar que o trabalho braçal realizado diretamente sobre a natureza acompanha o homem desde os períodos mais remotos, pois era através dele que se conseguia o necessário para o sustento e a sobrevivência.

Pode-se notar que toda identificação de uma nova era (período histórico específico), têm antecedentes que comprovam suas mudanças, e quase sempre este marco está ligado à mudança de emprego de energia nas atividades correspondentes ao trabalho.

Em uma destas eras, os homens começaram a construir habitações para a sua morada, instrumentos domésticos, instrumentos feitos à base de lascas de pedra e ossos (que usavam para caçar e defender-se), além de terem aprendido como fazer e controlar o fogo.

Ocorreram realizações técnicas na fiação, tecelagem e cerâmica. O homem começou a plantar e cultivar a terra, e aprendendo a fundir os metais esboçou os fundamentos da metalurgia.

Com as mãos o homem semeava, ceifava, colhia, amassava o barro, carregava galhos, pedaços de pau, confeccionava vestimentas, amontoava pedras, construía casas. Com o passar das épocas, devido às mudanças técnicas e do conhecimento, estas mesmas mãos começaram a construir edifícios, ferrovias, carros, computadores, aviões, satélites. Com a utilização das máquinas, aumentaram-se as possibilidades de exploração das fontes de energia da natureza, e com isso reduziu-se o trabalho “pesado” que o homem realizava em todo o processo de produção.

Sempre houve um componente técnico na vida humana; desde que existe homem, existe a ferramenta e o instrumento. No entanto, a partir da modernidade, o homem passou a se considerar e a se compreender a partir da técnica, ou seja, a tecnologia passou a ser o elemento essencial da sua definição e do seu destino (SILVA,1997, p.73).

Com as inovações tecnológicas ocorrendo em escalas surpreendentes, cada vez menos há a necessidade do trabalho braçal enquanto fonte fundamental de produção. Cada vez mais o universo destes trabalhadores se distancia dos demais.

Os trabalhadores braçais existiam enquanto categoria, portanto, desde o início da humanidade, e ainda existem, como se passado e presente fossem uma só coisa, apenas sinônimos um do outro, apenas uma mera classificação.

Considerações finais

Percebo que a Educação Física pouco tem explorado o tema da configuração do corpo no trabalho braçal sobre o prisma das Ciências Humanas. O movimento no trabalho tem sido em grande parte agregado a uma visão biomecânica do corpo humano, limitando-se, geralmente, a estudos em ergonomia. O corpo como registro histórico seria um provável ponto de partida para análises deste assunto na Educação Física pelo caminho das Humanidades. Estudos que levem em consideração a dimensão histórica, simbólica e social, poderiam nos apresentar um corpo em movimento na história das tecnologias do trabalho, a subjetividade dos corpos diante das técnicas de intervenção física, as significações do corpo inserido na cultura local ou de sua época; corpo em trânsito interpelado na relação dialética com o mundo. Ler nas marcas do corpo a sociedade que o produz e que é produzida por ele. E ao procurar pelo corpo atávico do trabalhador braçal, nos encontraremos com a história de seus instrumentos de trabalho, com a modificação no emprego da força devido ao uso dos mesmos; perceberemos um corpo configurado na rotina do trabalho mas também na dieta de seus alimentos, na geografia dos espaços que este corpo percorre, ação e contenção do corpo trabalhador.

Dessa maneira, creio que esse campo é fértil para futuras pesquisas que possam estudar não só o corpo formado na ausência de movimento, ou no excesso de movimentos que visam a performance ou daqueles que buscam no movimento com sobrecarga a fonte do padrão de beleza, mas o corpo do trabalhador braçal, aquele que é por necessidade, daqueles que não são atletas mas que também testam na carne seus limites.

Referências

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, São Paulo, n.2, p.24-27, 1995.

FRAGA, A. B. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.61-77.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974. v.2.

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.3-23.

SANTOS, L. H. S. Pedagogias do corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, L. H. **Século XXI: Qual Conhecimento? Qual Currículo?** Petrópolis: Vozes. 1999. p.194-212.

SILVA, M. R. S. O mundo do trabalho e a sociedade moderna. **Perfil**, Porto Alegre, ano I, n.1, p.73, 1997.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 1998.

Endereço:

Daniel Zancha
Rua Limeira, 242 – Vila Queiroz
Limeira SP
13485-002
e-mail: zancha@terra.com.br

*Manuscrito recebido em 15 de maio de 2003.
Manuscrito aceito em 10 de dezembro de 2003.*